TL 1572

...”Deve ser mesmo difícil pensar-se, aí na Europa,

que uma população devastada pela morte, totalmente amordaçada num pequeno território,

— não sabe ter medo,

— é capaz...

de buscar forças no seu desespero,

de desafiar quando está a morrer,

de renovar astúcias e ponderar

motivos,

de moderar sentimentos e refazer

energias,

equilibrar esforços e conter o ódio.

Nós próprios reflectimos intensamente

sobre esta tenacidade,

Nós próprios procuramos explicar o melhor que

podemos esta inesgotável força de vontade (...)

Nós próprios ficamos a admirar, a pensar como

é possível tanta força interior, quando a sua

pele curtida nos horrores da guerra, vem sendo

rasgada sem contemplação nem piedade, e

vergastada por vexames que decompõem o seu

corpo frágil.

Nós próprios perguntamos como é possível

tanta grandeza de alma, que se agiganta

suportando as dificuldades...

Uma Luta verdadeiramente de um Povo...

— que sabe sorrir a abafar o seu ódio mortal,

— que sabe ser dócil para ocultar a sua Luta,

— que se deixa amansar para melhor se entregar á rebedia,

— que se deixa bater para reforçar o seu ânimo,

— que se deixa insultar para formar o seu orgulho,

— que se deixa derrotar para procurar

VENCER!

Uma Luta, popular em essência! Uma Luta, um empenhamento, uma fé, uma esperança, um desejo: VENCER!”

Xanana Gusmão, Janeiro de 1992
in, Kaibauk, jornal da União Democrática Timorense

A morte de uma sonhadora

Goenawan Mohamad, ex-chefe de redacção do semanário ***Tempo****, um dos mais importantes da Indonésia, escreveu este artigo para o* ***International Herald Tribune****, em Janeiro de 1994.*

“A história de Marsinah, uma jovem que foi brutalmente assassinada por ter tido a coragem de lutar pela melhoria dos direitos dos trabalhadores, revela o lado sombrio do crescimento económico indonésio. (...)

Marsinah tinha apenas 23 anos quando morreu e embora tivesse vivido sempre na pobreza estava decidida a melhorar a sua própria vida e a daqueles que a rodeavam.

Na sua infância, fora adoptada por uma família de camponeses pobres e estava habituada às dificuldades de um trabalho árduo. (...)

Mas ela tinha sonhos. Acreditava que a todos os indonésios seria dada a oportunidade de ter uma vida decente. Frequentou cursos de computadores e de língua inglesa e, na sua sede de aprender mais, costumava ler jornais e ver televisão em casa de um vizinho. Certa vez, terá dito a um conhecido seu: ‘o conhecimento pode mudar o destino de uma pessoa’.

Marsinah estava decidida a mudar o seu destino e a fugir da pobreza. Depois de trabalhar por um ano numa fábrica de sapatos, arranjou emprego numa empresa que fabricava relógios. Ganhava 1700 rupias [cerca de 130$00] por dia, além de uma senha de refeição no valor de 550 rupias, recebível apenas na condição de o trabalhador comparecer no local de trabalho. Como este salário fosse manifestamente insuficiente para viver, Marsinah e alguns colegas seus exigiram que o valor da senha de refeição fosse incluído no ordenado. Esta reivindicação implicou uma grande coragem da parte dos trabalhadores — eles tinham perturbado a ordem. Tinham ameaçado a ‘paz’, a ‘harmonia’ e a ‘unidade’ que constituem as palavras de ordem da industrialização e do desenvolvimento indonésio.

A Indonésia é um país onde é fácil aos detentores do capital acumular riqueza por todos os meios possíveis e imaginários, um país onde aos gestores e aos executivos é dada a possibilidade de multiplicar os seus rendimentos, mas onde os trabalhadores não têm sequer voz para reclamar seja o que for. O progresso económico, os investimentos no sector fabril e os crescentes lucros das explorações têm-se feito à custa de salários miseráveis.

Por isso, os patrões e os quadros dirigentes da empresa onde Marsinah trabalhava, bem como todo o aparelho de segurança que actua em defesa dos interesses das autoridades, tomaram imediatamente mediodas no sentido de silenciar a revolta dos trabalhadores. Alguns foram despedidos. Marsinah, a mais incómoda de todos, foi assasssinada.

Não se sabe exactamente quem foi o responsável pela sua morte mas a razão por que ela foi assassinada, essa parece evidente. Os horríveis ferimentos que lhe cobriam a região abdominal revelam que foi violada e apunhalada; os ossos pélvicos encontravam-se fracturados. Ela foi vítima de duas coisas — ser mulher e ser activista.

Como parte da superabundante população laboral do quarto país mais populoso do mundo, as mulheres na Indonésia encontram-se, à partida, numa posição de extrema vulnerabilidade. Por outro lado, a própria ambiência cultural do mundo de hoje também não as favorece.

O nosso mundo, onde apenas existem dois grupos, os vencedores e os vencidos, vive obcecado com verbos como *ganyang* [esmagar], *bunuh* [matar] e *gebuk* [derrotar]. Estas metáforas, próprias da guerra e da virilidade masculina, são também as metáforas do despotismo.

Quem quer que tenha assassinado Marsinah julgou certamente que a morte de uma simples mulher de aldeia, uma operária, não chamaria muito a atenção. Julgou com certreza que o corpo atirado para a beira da estrada se limitaria a cumprir a sua função — instigar o medo entre aqueles que tinham desafiado a ordem local. Só que, felizmente, o caso de Marsinah atraíu largamente as atenções. Na sua arrogância, os assassinos não tiveram a intuição para perceber que, no momento em que Marsinah e os seus colegas entraram em greve por melhores salários, a Indonésia já não se podia dar ao luxo de ignorar os trabalhadores. Na verdade, ao ter a coragem de integrar a maré de força libertadora que neste momento agita a sociedade indonésia na luta por mais e melhores direitos, Marsinah contribuiu decisivamente para que as mulheres deixassem de ser um elemento marginal nessa sociedade.”

Goenawan Mohamad in, Timor Leste, publicação da Comissão para os Direitos do Povo Maubere, número 97, Fevereiro 1994

Para Timor

No silêncio da espera
Na noite da raiva
Há gritos parados
Há sonhos contidos

Juncos doridos somos
Agitados pelo vento
Em temporal desfeito
Com gosto a sal e a distância

Somos um anseio sem idade
Com um nome — Liberdade!

Gabriela
in, Kaibauk, jornal da União Democrática Timorense

podem substituir essa função. É importante notar que a presença de crianças com necessidades educativas especiais requer, por si e em simultâneo, professores especializados e outros profissionais na mesma sala de aula; os professores têm de aprender a fazer o seu trabalho nestas novas condições.

Estas alterações exigem, de forma geral, muito dos professores, quer do seu tempo quer do seu sentido de organização, sem falar dos esforços, importantes, que deverão empregar para encorajar os alunos com necessidades especiais. Por consequência é necessário estar muito atento à natureza e ao conteúdo da formação pedagógica, quer se fale de início de carreira quer do seu decurso.

Fará sentido questionar se a integração de crianças deficientes tem efeitos benéficos ou negativos sobre os resultados escolares das crianças? Os estudos realizados sobre o assunto demonstram, à saciedade, que a integração facilita a progressão escolar das crianças deficientes e podemos constatar que os novos métodos eram proveitosos para todos os alunos(3). Com efeito eles conduzem à adaptação mais precisa do programa de ensino às necessidades dos alunos, à preparação mais cuidada dos cursos e ao acompanhamento de perto dos progressos de cada aluno, à restruturação do espaço da sala de aula de forma a permitir um ensino de equipa, o trabalho em pequenos grupos, etc, outros tantos esforços susceptíveis de ser úteis à classe por inteiro. Mas eles apresentam um inconveniente: ao contactar com os outros algumas crianças deficientes podem duvidar de si próprios, iniciar um processo de subestimação e, de uma forma mais geral, ter dificuldades em desenvolver a sua aptidão de viver em sociedade. Risco que não se pode perder de vista.

A integração de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas ordinárias revelou-se, na prática, frutuosa sempre que se modifica a organização dos estabelecimentos de ensino, os programas e os métodos pedagógicos. Para que uma vasta reforma, desta natureza, possa ser levada a cabo é preciso que seja sustentada a todos os níveis do sistema de ensino, a nível nacional e a nível local, bem assim como pela própria escola e pela comunidade. Note-se que os trabalhos realizados no domínio das crianças com dificuldades de aprendizagem podem ser úteis para a concretização de um processo de reforma de âmbito mais vasto, do ensino e da escola no seu conjunto — e ser particularmente importantes para os alunos que, actualmente, não conseguem adquirir as qualificações necessárias para obter um emprego e a independência que o acompanha.

Peter Evans (*)

in, L'Observateur de l'OCDE, número 187, Abril/Maio 1994

(*) Peter Evans é especialista de educação de crianças com dificuldades de aprendizagem no Centro de Pesquisa e Inovação no Ensino (CERI), da Direcção de Educação, Emprego, Trabalho e Assuntos Sociais, OCDE

(1) "L'intégration: principes, pratique et perspectives de l'enseignement spécial dans les pays de l'OCDE" (no Prelo) e "Etudes de cas sur l'intégration. Exemples de pratiques efficaces d'enseignement dispensé aux enfants ayant des besoins éducatifs particuliers dans les écoles ordinaires des pays de l'OCDE", Les éditions de l'OCDE, Paris, 1994

(2) "L'intégration scolaire des enfants et adolescents handicapés: ambitions, théories et pratiques", Les éditions de l'OCDE, 1994

(3) Peter Evans (dir), European Journal of Special Needs Education, Vol.8, nº 3, Les éditions de l'OCDE, Paris/Routledge & Kegal Paul, Londres, Outubro 1993

Alemanha

Greve

Na Baixa Saxónia, em meados de Fevereiro, 4000 professores cumpriram um dia de greve em protesto contra a decisão do Lander de prolongar o horário de trabalho dos docentes em meia hora, dá-nos conta o *Le Monde de l'éducation*, de Abril. Para a vice-presidente da Confederação de Sindicatos Alemães, Ursula Engelen-Kefer, a proposta governamental é "irresponsável" e "deslocada" num contexto de desemprego crescente.

O prolongamento deverá, em princípio, vigorar a partir do próximo Verão. A presidente regional do Sindicato de Educação e Ciência anunciou já outras manifestações de protesto, para breve.

Estudantes, protestos e etc.

Muitos e violentos protestos marcaram, em Fevereiro, a luta dos estudantes alemães (de que o RCI tem aqui dado conta) contra o congelamento do montante das bolsas, até 1996 e o limite do seu número. Os estudantes levantam-se ainda contra a instauração de um exame suplementar no final do segundo semestre, contra o projecto que limita a quatro anos a duração dos estudos superiores e a aplicação, anunciada, de sanções fiscais aqueles que tiverem a leviandade de ocupar por muito tempo os bancos das universidades. Bancos disputadíssimos, acrescente-se, com 1 milhão e 860 mil estudantes a concorrerem para 900 000 vagas.

Boicote dos cursos, manifestações e ocupação de universidades, nomeadamente, em Bochum, Hambourg, Cologne, Munich e Freiburg, marcaram esta primeira etapa da luta estudantil. Prometem mais.

França

Lyon: raiva e revolta social...

Falando em juventude! Tivemos um movimento muito interessante nas últimas semanas. Provavelmente o eco mediático que vocês tiveram foi limitado às pequenas cenas de pilhagem e violência que se observam. Violência de resto, inevitável na situação de raiva e revolta social que se vai acumulando. Mas este movimento foi, para além disto decerto o que mais rapidamente se politisou nos últimos anos. No bom sentido da palavra, isto é: pensamento político sobre a sociedade e não submissão passiva a organizações políticas tradicionais, que estão completamente desvalorizadas. Dois aspectos são de realçar: 1) a denúncia aberta da situação de curso do sistema capitalista que deixa sem perspectivar a juventude; 2) a solidariedade para com os jovens presos e, sobretudo, para com os 2 jovens de Lyon expulsos (deportados) para a Argélia (país dos pais, que eles não conhecem!).

Nada está resolvido, mesmo se o governo recuou diante uma politisação rápida do movimento. De realçar igualmente, que a mobilização tocou sobretudo os liceus, liceus técnicos e os cursos técnicos superiores certos (Institutos Universitários Técnicos). Em outras palavras: o futuro proletariado moderno para o qual não há trabalho! Et là est le problème!

NOTA: No próximo número do RCI publicar-se-ão os desenvolvimentos desta breve notícia sobre a situação em Lyon, só possível graças à persistente colaboração de Jorge Valadas, nosso colaborador em França.

Argélia

Fundamentalistas

Os professores da capital argelina cumpriram, em Fevereiro, um dia de greve em protesto contra o assassinato da directora de uma escola em Birkhadem na periferia de Argel. Em pouco mais de um ano pelo menos 24 professores foram assassinados (alguns em plena sala de aula) e 51 escolas incendiadas por membros de grupos islâmicos armados.

Em contrapartida, 315 professores são oficialmente catalogados como membros activos de grupos fundamentalistas e 1224 foram (ou estão) presos por períodos variáveis em "centros de segurança", no Saara.

Reino Unido

A Enciclopédia Britânica no bolso

Quatro milhões e meio de libras é quanto anuncia a governo britânico para investimento em CD ROM (como extensão ao material informático já existente) nas escolas do ensino primário, depois de 3 em cada 4 escolas do secundário se poderem já gabar disso. Pois é...